



... ..  
... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

## "O INFORME DE BRODIE": REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO\*

NANCY MARIA MENDES\*\*

### RESUMO

A partir da análise do conto "O informe de Brodie" de J.L. Borgee, que nos remete a outros textos do Autor, são apresentadss aqui algumas reflexões sobre os diversos aspectos da tradução.

### RÉSUMÉ

A partir de l'analyse du conte "O informe de Brodie", de J.L. Borgee, qui renvoie à d'autres textee de l'Auteur, nous présentons ici quelques réflexione sur plusieurs aspects de la traduction.

---

\* Apresentado originalmente como trabalho final para s discipli na "Literatura Compsrada: a tradução", sob a orientaçõ dos Professoree Eneida Maria de Souza e Lauro Belchior Mendes. Par te do trabalho foi sresentada ns Mesa-redonda "Homenagem a Borgee", no 2º Simpósio de Literatura Comparada realizado em Belo Horizonte, de 20 a 24 de outubro de 1986.

\*\* Professora de Teoria de Literatura da FALE/UFMG.

"O informe de Brodie"<sup>1</sup> sugere várias reflexões sobre a questão da tradução, algumas das quais o próprio Borges considerou no ensaio "Os tradutores das 1.001 noites" em História da Eternidade<sup>2</sup> e na conferência "As mil e uma noites", publicada em Sete Noites<sup>3</sup>. O conto focaliza o relatório de um missionário presbiteriano escocês escrito no século XIX, cujo princípio extraviou-se, traduzido para o castelhano por um narrador que se introduz no início do conto.

Pode-se falar de um encadeamento de traduções no texto: o informe traduzido do inglês para o castelhano consiste numa tradução feita pelo missionário de uma estranha sociedade com que conviveu: a dos Yaoos. Considerando-se ser este relato uma nova versão da última parte de As viagens de Guliwer de Swift<sup>4</sup>, há nessa intertextualidade um novo aspecto de tradução da responsabilidade direta do Autor implícito. Até aqui, três tradutores entram em jogo: o narrador do início do conto, a personagem Brodie e o Autor. A ele se junta, no caso da versão portuguesa que estou usando basicamente, Hermilo Borba Filho, havendo, pois, duas traduções ficcionais e duas reais.

#### A "fidelidade" na tradução

Na fala do narrador inicial do conto, colocam-se explicitamente algumas questões referentes à tradução tomada em seu sentido comum - a interlingual, na terminologia de Jakobson<sup>5</sup>

"Traduzirei fielmente o informe, composto num inglês incolor, sem permitir-me outras omissões que as de algum versículo da Bíblia e de uma curiosa passagem sobre as práticas sexuais dos Yaoos que o bom presbiteriano confiou pudicamente ao latim." (p. 116 - grifos adicionados)

O tradutor crê, portanto, estar sendo fiel ao texto original, embora confesse os cortes que nele faz. Mas não é ao: na parte do suposto manuscrito em que Brodie se refere à escolha do rei pelos Yaoos, seu tradutor diz "mutilam-no" e coloca entre parênteses a expressão usada no original "(he is gelded)" (p. 118). Mais adiante acrescenta um trocadilho possibilitado pelo idioma castelhano (como pelo português), conaervando a ex-

pressão original inglesa entre parênteses: "Meu hábito (my cloth) e meus hábitos fizeram-me declinar dessa honra." (p.119). Está evidente, pois, que o tradutor do informe não se comprometeu com uma tradução literal, mas fez questão de explicitar as alterações introduzidas. Ora, segundo informação de Borges em "Os tradutores das 1.001 noites", outro não foi o procedimento de Lane, arabista inglês, cuja versão está mencionada nas primeiras linhas do conto. David Brodie nos é apresentado como leitor atento do tradutor inglês - seu manuscrito foi encontrado "num exemplar do primeiro volume das Mil e Uma Noites (Londres, 1939), de Lane" (p. 115), exemplar cujas margens estavam "bcheias de acréscimos, pontos de interrogação uma vez ou outra correções" (p. 115) com sua letra. O tradutor do informe usa a técnica daquele arabista, além de partilhar de seu pudor. Isso se evidencia quer na declaração de que omitirá a passagem sobre as práticas sexuais dos Yaocs não ousando sequer transcrevê-la em latim (língua usada "pudicamente" no original), quer na tradução de "he is qelded" por "mutilam-no" em vez de "castram-no" ou "é castrado". Por outro lado, convém lembrar que também os versículos bíblicos incluídos pelo presbiteriano em seu texto foram omitidos pelo tradutor. Tudo isso o vai caracterizando, são marcas de sua própria individualidade intelectual e moral deixadas no novo texto que constrói, são sinais do sistema ideológico em que se insere.

O direito de alterar o texto original ao traduzir é reconhecido por Borges ao comentar em "Tradutores das 1.001 Noites" que a versão de Galland, embora seja literalmente "a pior, a mais embusteira e mais débil"<sup>6</sup>, reservou aos leitores a felicidade e o assombro, sendo dentre todas, a mais lida. Essa posição favorável a uma tradução livre e criativa é assumida por muitos críticos e teóricos, inclusive por Octavio Paz, que considera a tradução literal algo absolutamente nulo, "fileira de palavras para ajudar-nos a ler o texto em sua língua original"<sup>7</sup>. Para ele a verdadeira tradução caracteriza-se como uma operação literária, o que implica sempre uma transformação do original. Borges parece-me ir além na conferência já mencionada: para ele, é legítimo que Galland tenha acrescentado novos contos às Mil e uma noites depois de ter traduzido tantos outros e chama a atenção para o fato de "Aladim e a lâmpada maravilhosa", criação daquele tradutor, ser o mais famoso conto da obra.

O narrador-tradutor de "O informe de Brodie" não atin

ge a criatividade de Galland, aproxima-se de Lane. Não são nada lisonjeiras as palavras de Borges sobre a versão que este fez dos célebres contos árabes: qualifica-a "eruditíssima", mas uma "mera enciclopédia da evasão"<sup>8</sup>, onde põe em relevo seu espírito de inquisidor, cuja proibidade resulta em notas que vão registrando os cortes feitos de pequenas passagens, de linhas, de explicações, de episódios e até de contos inteiros, tidos como imorais. Isso, contudo, lhe merece perdão - afinal o leitor está ciente dos cortes e poderá até recorrer ao original; imperdoável lhe parecem certos subterfúgios usados pelo tradutor. Exemplifica com a tradução do episódio em que o rei dos reis, ao perguntar a um pescador se o peixe que lhe apresentara era macho ou fêmea, recebeu a informação de tratar-se de um hermafrodita; Lane traduz que o rei quis saber a espécie de um animal, respondendo-lhe o pescador ser uma espécie mista. Nesse pecado talvez não incorra o tradutor do informe de Brodie, pois faz questão de registrar as palavras do original quando suaviza a tradução. Contra ele haveria o fato de o manuscrito do informe estar em seu poder, não sendo possível o acesso do leitor às passagens omitidas, diversamente do texto original de As mil e uma noites, de domínio público.

### *O informe como tradução*

A segunda tradução que se pode constatar no texto, de caráter ficcional como a primeira, está contida no próprio relato de Brodie e pode ser considerada em mais de um aspecto. O autor do manuscrito tomara conhecimento da língua dos Yaoos e com eles se comunicara. Fala da "ausência de vogais em sua áspera linguagem" (p. 120), que se caracteriza por monossílabos corresponsivos "a uma idéia geral que se difere pelo contexto e pelos gestos". O missionário traduz algumas palavras de sua estranha língua para o inglês, minimizando a admiração que possa causar o fato de uma palavra adquirir sentidos opostos conforme a pronúncia ou os gestos do falante, lembrando os significados do verbo inglês "to cleave" (p. 123-4). Lança mão de soluções diversas para algumas traduções. A própria designação da tribo com quem convivera passa a ser "Yaoos", não só pela impossibilidade de uma transliteração exata da palavra, como para que "meus lei

torea não eaqueçam sua natureza bestial" (p. 116); com isso há a remissão à obra de Swift, As viagens de Gulliver.

"Alcázar" é a tradução de "Qzr", cavernas em que vivem o rei e a rainha. Atente-se para a repetição das consoantes do idioma dos Yaoos na palavra "alcazar" e para o enobrecimento da caverna real, já que "alczár" em inglês, como em espanhol, significa castelo, palácio real ou fortaleza.

Numa passagem, um gesto dos Yaoos - tocar a boca e a barriga para justificar o hábito de devorarem os cadáveres do rei e dos feiticeiros - é objeto de duas hipóteses de tradução (uma tradução intersemiótica, ainda segundo Jakobson<sup>9</sup>): "talvez para indicar que os mortos também são alimento ou - mas talvez seja muito sutil - para que eu entendesse que tudo o que comemos é de maneira geral, carne humana" (p. 117).

O missionário escocês se empenha em relatar os costumes da tribo dos Yaoos, detendo-se, evidentemente, em todos os aspectos que parecem estranhos, nas diferenças, relativamente à sua sociedade. Embora diga que só os feiticeiros realmente lhe chamaram a atenção, não se limita a descrevê-los. Esse seu interesse por hábitos sociais diversos dos seus confirma a observação de seu tradutor, que o capta pelas notas deixadas em seu exemplar de As mil e uma noites: "Dir-se-ia que ao leitor [no caso, Brodie] interessariam menos os prodigiosos contos de Sherazade, que os hábitos do Islã" (p. 115). Um aspecto dos costumes desses homens bárbaros, entretanto, não é explicitado. Trata-se daquilo que consideram crime, sendo motivo de execução do culpado: atentar contra o pudor da rainha. A diacrisia do narrador, responsável pelo uso do latim para descrever os hábitos sexuais da tribo, por certo, o impediu de esclarecer que tal culpa consista em algum homem recusá-la quando ela se oferecia a ele. Depreende-se isso do fato de ele ter sido alvo dessa honra, da qual declinou em virtude de sua condição de religioso (de seu hábito e hábitos) e de silenciar a razão de sua súbita partida da região dos Yaoos, alegando falha de memória. Tal esquecimento não é verdadeiro, pois mais adiante lê-se: "Contei minha estada entre os Yaoos mas não seu horror essencial que nunca me deixa de todo e que me visita em sonhos. Na rua creio que ainda me cercam" (p. 126). O episódio há de tê-lo chocado mais que as práticas sexuais dos Yaoos que confiara ao latim, talvez por uma espécie de respeito à língua materna, talvez numa tentativa de não ser lido por todos, de qualquer forma usando aquela lín-

gua como disfarce ou eufemismo. Procediam assim relatores e tradutores de costumes e línguas indígenas no século XIX, como se constata na interferência de Florence Delay em um dos debates do Primeiro Congresso de Tradução Literária em Arles em 1984<sup>10</sup>.

### *Intertextualidade como tradução*

Muito importante me parece o fato de o informe de Brodie constituir uma nova versão da última parte de As viagens de Gúliwer. Aqui o tradutor não é mais um dos narradores do conto, uma das criações de Borges, mas ele diretamente. Os pontos de aproximação das duas narrativas são vários e o quadro abaixo explicita alguns deles.

	Viagem ao País de Huyhnhms (As viagens de Gúliwer)	O informe de Brodie
Narrador	aventureiro inglês	missionário escocês
Localização dos fatos	imediações da costa sul da África	África equatorial, próximo a uma possessão portuguesa
Época	Século XVIII	Século XIX
Homens encontrados	Yaocs, irracionais, de origem inglesa, selvagens	Mlch, bestiais, de origem inglesa, selvagens
Identificação feita	Sociedade dos Yaocs como a ocidental	

No final, os dados dos dois relatos se colam ainda mais. Os dois forasteiros são forçados igualmente a deixar a região sob ameaça de morte; ambos saem um tanto modificados: Gúliwer adquirira um pouco da maneira de ser dos Huyhnhms e Brodie a dos Yaocs e outro se encontram com um português cujo interesse está ligado ao deles (navegante, num caso, e missionário católico no outro), através do qual se reintegrarão na sociedade ocidental.

Há, no entanto, certos elementos no conto de Borges que o distanciam do modelo de Swift. Se deste retoma a dualidade de habitantes da região visitada, não a apresenta da mesma

forme. Guliver encontra os Huyhnhnms, os cavalos que constituem uma sociedade ideal, que domam os Yaos, irracionais identificados pelo aventureiro inglês, a custo e a contragosto, como pertencentes à raça humana. Não se aproxima deles, sente repugnância por seus hábitos, que equivalem aos vícios de que está impregnada sua própria sociedade. Brodie não hesita em reconhecer a natureza humana dos Yaos, embora os considere em decadência: "não são uma nação primitiva mas degenerada" (p. 124). Identifica em sua organização social os elementos essenciais das instituições da cultura ocidental. Isso motiva uma visão benevolente por parte do missionário:

"Os Yaos, bem o sei, são um povo bárbaro, talvez o mais bárbaro do planeta, mas seria uma injustiça esquecer certos traços que os redimem. Têm instituições, gozam de um rei, manejam uma linguagem baseada em conceitos genéricos, crêem, como os hebreus e os gregos, na reza divina da poesia e adivinham que a alma sobre vive à morte do corpo. Afirmando a verdade dos castigos e das recompensas. Representam em suma, cultura como nós as representamos, apesar de nossos muitos pecados." (p. 126)

Esse povo sofre freqüentes ataques dos homens-macacos, seres não descritos pelo narrador, mas evidentemente inferiores aos Yaos. Estes chegam a receber auxílio do próprio presbiteriano que mata dois homens-macacos num desses ataques, façanha da qual dirá mais tarde não se arrepender.

Como se vê, os Yaos, que em As viagens de Guliver são seres inferiores e desprezíveis em relação aos Huyhnhnms, contrapõem-se em "O informe de Brodie" aos homens-macacos, provavelmente seres intermediários entre os homens e os irracionais. Pela leitura da obra de Swift, conclui-se que, embora decepcionado com sua sociedade, embora a agrida, promovendo ironicamente os cavalos a organizadores de uma sociedade ideal, o Autor é movido pela idéia de que existe um modelo e seguir - alguém viveu no seio de uma sociedade ideal. Borges parece apontar para a progressiva degradação da raça humana: se Guliver encontrou cavalos e Yaos, Brodie encontra Yaos e homens-macacos; alguém depois dele poderia encontrar homens-macacos e homens-lobos, por exemplo, e informar sobre os costumes dos primeiros, ignorando os últimos por serem selvagens e irracionais; estes, por sua vez, viriam a ser identificados com a sociedade dos chamados civilizados por alguma outra personagem criada tempos depois e as

sim numa interminável sucessão. Isso me lembra as palavras do próprio Borges a respeito de As mil e uma noites, considerando serem infundáveis suas traduções e nunca idênticas: "cada tradutor dará uma versão diferente do livro"<sup>11</sup>. Se a própria retomada da sátira de Swift já denuncia a posição conservadora e o espírito amargo do escritor argentino, pode-se afirmar que esses elementos, principalmente a visão negativa da sociedade humana, se acentuam pelo novo enfoque da última parte de As viagens de Gúliwer, levado a efeito quase dois séculos e meio depois.

*"O informe de Brodie" em português*

Cabem agora, considerando o que afirmei no início - estar usando basicamente para este trabalho a tradução do conto de Borges feita por Hermilo Borba Filho - algumas considerações sobre o trabalho desse tradutor. Pode-se dizer que se trata de uma boa tradução em sua acepção comum. Ao se cotejarem os dois textos, verifica-se que o tradutor agiu no propósito de levar o leitor ao conhecimento bem exato do texto em castelhano. Não traduziu, evidentemente palavra por palavra, fez as devidas adaptações sintáticas e às vezes estilísticas. Em alguns momentos, porém, me pareceu ter feito alterações não condizentes com essa estrita fidelidade, tacitamente proposta. Em dois casos registro falhas semânticas; ao descrever a rainha, Brodie diz "era soriente, joven y agraciada, hasta donde lo permite su raza" (p. 139); Borba Filho traduz: "era sorridente, jovem e engraçada, até onde lhe permite sua raça" (p. 119). A meu ver, no contexto as palavras que sublinhei não se correspondem; caberia em português o adjetivo graciosa em lugar de engraçada. O outro caso, similar a esse, está no final do texto, quando se lê em castelhano: "Espero que el Gobierno de Su Majestad no desoiga lo que se atreve a sugerir este informe" (p. 146) e em português: "Espero que o Governo de Sua Majestade não deixe de ouvir aquele que se atreve a sugerir este informe". Creio estar evidente no texto espanhol que a esperança do missionário se volta para aquilo que é uma espécie de conclusão de todas as descrições e reflexões feitas no informe: "Tenemos el deber de salvarlos" (p. 146). Esta é a sugestão do informe, dirigida a Sua Majestade; logo, o pronome lo deveria ser lido em espanhol como neutro (aquilo, o) e não como masculino (aquele). São dois cochilos

que evidentemente não reduzem o valor da tradução.

Sob outro aspecto vejo as notas acrescentadas por Borba Filho por tratar-se de procedimento consciente. Situa-se nas páginas 118, 119 e 125. Três delas, acredito serem parcialmente necessárias, pois esclarecem que as expressões em inglês encontradas entre parênteses no texto são do original. Digo parcialmente necessárias, não só porque essa informação poderis ser dada apenas uma vez, como também pelo fato de vir acompanhada da tradução da expressão inglesa para o português. Convém considerar cada caso. O primeiro deles, talvez seja mais grave: o narrador do conto que traduz para o castelhano o texto inglês de Brodie, ao verter "he is gelded" por uma expressão metonímica "lo mutilan", usa um eufemismo, mas deixa entre parênteses a expressão inglesa. Borba Filho, embora procedendo da mesma forma em português, rompe com a descrição do "tradutor anterior", colocando na nota a tradução da expressão inglesa - "É castrado". Na primeira nota da página 119 e na segunda página 125, reforça a tradução já contida no texto: "Meu hábito" (my cloth), na nota: "Meu traje" (p. 119); a respeito de "sob o mando de um horror sagrado (under a holy dread)", lê-se na nota: "Como está na tradução praticamente: sob um horror sagrado". Nessas duas notas, tem-se a impressão de haver por parte dele uma preocupação excessiva em relação à literalidade da tradução. Alia-se a isso uma certa necessidade de ajudar o leitor a compreender o texto. Tal atitude fica mais evidente na segunda nota 119, referente a: "Meu hábito (my cloth)\* e meus hábitos\*\* fizeram-me declinar dessa honra". Transcrevo as notas: \*\*Trocadilho bastante compreensível: hábito, traje do sacerdote e hábitos, os costumes do mesmo sacerdote". Note-se que o próprio autor da nota reconhece ser "Trocadilho bastante compreensível", mas não se farta à tentativa de esclarecer o leitor em cuja habilidade demonstra não ter a mínima confiança.

*Tradução: transcrição ou ato criativo?*

O conto de Borges, em sua versão portuguesa apresenta, como se pôde observar no desenvolvimento deste texto, quatro tradutores e várias situações de tradução, que se encadeiam ou se sobrepõem. Nessa observação, está implícito um conceito mais am

plo de tradução. Sem cogitar de pesquisa mais apurada, pode-se afirmar que a tradução é uma preocupação antiga (data de 1932 seu ensaio "As versões homéricas") e constante do contista argentino: aqui já se fez referência a dois trabalhos seus em que focaliza as traduções de As mil e uma noites e é oportuno lembrar seu conto - "Pierre Menard, autor do Quixote" que, segundo afirmação de Antoine Berman, é tido pela crítica como uma parábola da tradução<sup>12</sup>. Nele, sua personagem Menard pretendeu "produzir páginas que coincidisse palavra por palavra e linha por linha com as de Miguel de Cervantes"<sup>13</sup>. O resultado de sua empresa não concluída (deixou apenas dois capítulos da primeira parte e fragmento de outro), na palavra do narrador do conto foi que, embora verbalmente idêntico ao texto de Cervantes, o de Menard "é quase infinitamente mais rico"<sup>14</sup>. É que, tendo sua autoria assumida por um escritor francês do início do século XX, trezentos anos depois de sua primeira escritura, anos "carregados de complexísimos fatos"<sup>15</sup>, entre os quais "o próprio Quixote", o texto se transforma em outro.

A reflexão proposta por Borges através da criação de Menard como autor de Quixote leva a um definitivo sepultamento da idéia de fidelidade ao texto através da tradução literal, transparente ("servil", em espanhol): basta o deslocamento de um texto para outra época e, embora materialmente o mesmo, ele será outro. Não é, pois, na fidelidade à forma que se conserva o sentido. Da transformação do texto original, aliás, se incumbem o próprio leitor, que mesmo ao ler textos de sua própria época, nele investe sua cultura, enriquecendo-o ou empobrecendo-o. Penso em Pierre Menard como figura metonímica do leitor, sempre um tradutor e recriador. Concluindo considerações sobre o mesmo conto, Wander Melo Miranda afirma:

"Ao evitar a sacralização burguesa do texto e do nome do autor, a literatura passa a ser concebida como um vasto empreendimento anônimo e uma propriedade pública: escrever e ler são percursos indistintos, autor e leitor papéis intercambiáveis, nesse universo em que tudo é escrito."<sup>16</sup>

Em todos os textos de Borges referentes à tradução, a que mencionados, fica claro seu alinhamento junto àqueles que a consideram como "operação literária", como "transformação do original" (as expressões são de Octavio Paz<sup>17</sup>). Esse caráter e

direito de recriador daquele que se dedica à tradução é reconhecido por muitos outros críticos, dentre os quais Walter Benjamin<sup>18</sup> e Henri Meschonnic<sup>19</sup>; outros, como Antoine Berman se colocam numa posição intermediária. Este, ao falar de uma tradução etnocêntrica e hipertextual, admite que o tradutor faça cortes e alterações no original, adaptando-o à cultura dos leitores da língua de chegada, mas exclui do rol da tradução as obras cujos tradutores cedem espaço à sua própria poética. Referem-se a um

"contrato fundamental que liga uma tradução a seu original. Este contrato - seguramente draconiano - interdiz toda ultrapassagem da textura do original. Ele determina que a criatividade exigida pela tradução deve-se colocar toda inteira ao serviço da recriação do original na outra língua e jamais produzir uma sobretradução determinada pela poética pessoal do tradutor."<sup>20</sup>

A visão que esse crítico tem da tradução é acentuadamente negativa. Para ele não há possibilidade de transmissão fiel do sentido por este estar preso à forma ("à la lettre") do original; quanto ao texto gerado pela tradução, sob o aspecto de hipertextualidade, ou será demasiadamente servil ou demasiadamente livre; neste caso, ou haverá uma traição ao original ou uma outra produção hipertextual, como o Ulisses de Joyce. Assim julgaria também a versão da "Viagem ao país Huyhnhs" feita por Borges.

Seria o caso de perguntar agora como ficamos no que diz respeito à tradução? Não há como negar o interesse do leitor em conhecer textos escritos em línguas às quais não tem acesso, nem a evidência de sua impossibilidade de conhecer todas as línguas por cuja cultura nutre curiosidade. A tradução viria amenizar a pena imposta pelo pecado de Babel. Através dela o leitor se aproxima dos originais, sendo-lhe impossível, contudo, atingi-los plenamente, ainda que auxiliado pela Filologia, pela História, pela Crítica, por toda uma arqueologia do texto, enfim. Aliás, o mesmo se pode dizer em relação a textos em língua materna. Quanto à multiplicidade e diversidade de traduções de um texto talvez sejam tão úteis ao seu entendimento quanto suas análises críticas. De qualquer forma, a tradução, nessa acepção tradicional praticada e reconhecida há milênios, tem e terá garantido seu espaço. Recusar a tradução seria buscar o iso

lamento cultural e parece-me oportuno lembrar que Meschonnic considera ideológico o desprestígio da tradução:

"Um imperialismo cultural tende a esquecer sua história, logo a desconhecer o papel histórico da tradução e dos empréstimos na sua cultura. Esse esquecimento é o corolário da sacralização de sua literatura."21

As obaervações feitas sobre a tradução de Hermilo Borba Filho não de sugerir uma condenação à tradução mais livre. Não é bem isso. Ao apontar aquelas pequenas falhas, ative-me ao objetivo claro, ainda que não explícito, do tradutor, o de oferecer ao leitor uma tradução transparente, cuja legitimidade reconheço. Refletindo agora sobre elas, penso que comprovam a dificuldade, a quase impossibilidade de o tradutor eximir-se de deixar marcas visíveis em seu trabalho. Essa situação foi ironicamente colocada por Borges através do tradutor do informe para o inglês que explicita seu propósito de fidelidade. A título de quê as pequenas discrepâncias haveriam de ser condensadas? E se isso fosse feito, como encarar a tradução mais criativa, aquela que para muitos críticos é a verdadeira tradução, a "tradução-texto" na terminologia de Meschonnic? Não creio que a posição de Berman negando-ae a considerar obras como Ulisses de Joyce como tradução (esta deve caracterizar-se, segundo ele, como uma hipertextualidade secundária), para situá-las no âmbito da verdadeira hipertextualidade, solucione a questão. Parece-me que esses casos situam-se na zona fronteira, entre a tradução e a intertextualidade, não havendo por onde negar-lhes o caráter de tradução. Desconhecer-lhe a validade seria recusar ao poeta, ao ficcionista o direito a manifestar a sua leitura de obras que mais de perto os tenham tocado, não importando se as contesta ou as endossa.

- 1 BORGES, Jorge Luis. O informe de Brodie. Trad. Hermilo Borba Filho. Porto Alegre, Globo, 1982.
- . El informe de Brodie. Madrid, Alianza, 1982.
- OBS.: As citações em português e em castelhano serão feitas a partir das referidas edições respectivamente, com as páginas indicadas entre parênteses.
- 2 —————. Hiatoria de la eternidad. Madrid, Alianza, 1981.
- 3 —————. Sete Noites. Trad. João Silvério Trevisan. São Paulo, Max Limonad, 1983.
- 4 SWIFT, Jonathan. As viagens de Guliver a terras desconhecidas. Trad. de Henrique Marques Jr.. São Paulo, Cultura, 1940.
- 5 JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: —. Lingüística e comunicação. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 6 BORGES, J. Luis. 1981. p. 109.
- 7 PAZ, Octavio. Traducción: literatura y literalidad. Barcelona, Tusquets, 1981. p. 10.
- 8 BORGES, J. Luis, 1981. p. 111.
- 9 JAKOBSON, Roman. op. cit.
- 10 Actes des Premières Assises de la Traduction Littéraire (Arles, 1984). Arles, Actes Sud, 1985.
- 11 BORGES, J. Luis. 1983. p. 87.
- 12 BERMAN, Antoine. "Traduction ethnocentrique et traduction hypertextuel. In: —. L'écrit du temps. La décision de traduire: l'exemple Freud. Paris, Minuit, 1984. p. 115.
- 13 BORGES, Jorge Luis. Ficções. Trad. Carlos Nejar. Porto Alegre, Globo, 1982. p. 33.
- 14 Idem, ibidem. p. 36.
- 15 Idem, ibidem. p. 35.
- 16 MIRANDA, Wander Melo. "Tradução e intertextualidade": texto apresentado em mesa redonda sobre tradução no "1º Simpósio de Literatura Comparada" na Faculdade de Letras da UFMG, em 1985.
- 17 PAZ, Octavio. op. cit. p. 10.
- 18 BENJAMIN, Walter. "La tâche du traducteur". In: —. Oeuvres. Trad. Maurice Gadillac. Paris, Les Lettres Nouvelles, s/d.
- 19 MESCHONNIC, Henri. "Propositions pour une poétique de la traduction". In: —. Pour la poétique II. Paris, Gallimard, 1973.
- 20 BERMAN, Antoine. Op. cit. p. 118.
- 21 MESCHONNIC, H. op. cit. p. 310.